



O  
COMENTÁRIO  
*de*  
ROMANOS

THOMAS R. SCHREINER

# Sumário

<i>Prefácio da série</i> .....	9
<i>Prefácio do autor para a segunda edição</i> .....	13
<i>Prefácio do autor para a primeira edição</i> .....	15
<i>Abreviações</i> .....	17
<i>Transliterações</i> .....	21
<i>Mapa</i> .....	23
Introdução a Romanos .....	25
I. O evangelho como a revelação da justiça de Deus (1.1-17) ...	67
A. Saudação: o evangelho referente ao Filho de Deus (1.1-7) ...	69
B. Ação de graças: Oração para uma visita apostólica (1.8-15) .....	91
C. Tema: o evangelho da justiça de Deus (1.16-17) .....	104
II. A justiça de Deus em sua ira contra os pecadores (1.18—3.20) .....	130
A. A injustiça dos gentios (1.18-32) .....	136
B. A injustiça dos judeus (2.1—3.8) .....	166
C. A injustiça de todos os povos (3.9-20) .....	235
III. A justiça salvadora de Deus (3.21—4.25) .....	256
A. A justiça de Deus na morte de Jesus (3.21-26) .....	258
B. A justiça pela fé para os judeus e os gentios (3.27-31) .....	287
C. Abraão como o pai dos judeus e dos gentios (4.1-25) ...	298

IV. A esperança como um resultado da justiça	
pela fé (5.1—8.39) .....	340
A. A garantia da esperança (5.1-11) .....	346
B. A esperança no triunfo de Cristo sobre o pecado	
de Adão (5.12-21) .....	365
C. O triunfo da graça sobre o poder do pecado (6.1-23) .....	402
D. O triunfo da graça sobre o poder da lei (7.1—8.17) .....	452
E. A garantia da esperança (8.18-39) .....	556
V. A justiça de Deus para Israel e para	
os gentios (9.1—11.36) .....	605
A. A promessa de salvação de Deus para Israel (9.1-29) ....	613
B. A rejeição de Israel da justiça salvífica de	
Deus (9.30—11.10) .....	679
C. A justiça de Deus em seu plano para os judeus	
e os gentios (11.11-32) .....	751
D. A conclusão da doxologia (11.33-36) .....	801
VI. A justiça de Deus na vida diária (12.1—15.13) .....	810
A. O paradigma para exortações: dedicação	
total a Deus (12.1-2) .....	813
B. As marcas da comunidade cristã (12.3—13.14) .....	822
C. Um chamado para aceitação mútua entre os	
fortes e os fracos (14.1—15.13) .....	888
VII. A extensão da justiça de Deus ao longo da	
missão paulina (15.14—16.23) .....	956
A. O estabelecimento das igrejas entre	
os gentios (15.14-33) .....	958
B. Os colaboradores no evangelho (16.1-23) .....	984
VIII. O resumo final do evangelho da justiça	
de Deus (16.25-27) .....	1018
<i>Obras citadas</i> .....	1027

(1960, p. 4). Ele identifica o tema de Romanos como segue: “A única justiça do homem é a misericórdia de Deus em Cristo, quando esta é oferecida por meio do evangelho e recebida pela fé” (1960, p. 5). Ele também comenta que “se adquirirmos um entendimento verdadeiro dessa carta, temos uma porta aberta para todos os tesouros mais profundos da Escritura” (1960, p. 5). Calvino foi admiravelmente bem-sucedido em seu desejo de escrever um comentário marcado pela clareza e brevidade, e os estudiosos ainda leem seu comentário hoje como um modelo de exegese teológica e histórica.

O impacto de Romanos continua a existir em nossa época. O comentário de 1919 de Karl Barth sobre Romanos não é consultado por sua maestria exegética, mas ele despertou seus contemporâneos ao ouvir a teologia do apóstolo Paulo. Nosso primeiro objetivo como intérpretes é fazer a mesma coisa. A exegese começa com o ouvir paciente e humilde do texto, com a disposição para ouvir uma palavra estranha. Somos todos propensos a ler nossas próprias concepções no texto. Por isso, nossa primeira tarefa é simplesmente ver o que o texto diz de fato. Aqueles que interpretaram o texto antes de nós são uma imensa ajuda nesse empreendimento, embora também tenhamos de nos esforçar para ouvir o texto como se o ouvíssemos pela primeira vez para que a Palavra de Deus fale para nossa geração como falou para aqueles que vieram antes de nós.<sup>2</sup>

## AUTORIA E DATA

### *Autoria e papel dos secretários*

Nenhum estudioso sério atual duvida que Paulo escreveu Romanos. Alguns poucos estudiosos na história da interpretação, em especial no fim do século XIX, duvidaram da autenticidade da carta. Cranfield (1979, p. 2) comenta com acerto que essa opinião pode ser avaliada como “entre as curiosidades do estudo acadêmico do Novo Testamento”. A autoria paulina é um dos resultados garantidos do estudo acadêmico do Novo Testamento, e, por conseguinte, mais discussões sobre essa questão são desnecessárias.

O mais interessante é o papel desempenhado por Tércio como secretário de Paulo (Rm 16.22). Quanta liberdade ele teve na composição da carta? Cranfield (1975, p. 2-5) sugere três possibilidades diferentes:<sup>3</sup> (1) Paulo

---

<sup>2</sup> Para uma excelente introdução ao estudo acadêmico antigo e novo sobre Romanos, veja Thiselton, 2016.

<sup>3</sup> E. Richards (1991, p. 23-24) sugere quatro possibilidades (cf. também sua obra de 2004, esp. p. 59-93). Sua dissertação (1991) é o estudo mais recente e completo

comunicou os temas gerais da carta para Tércio, que escreveu a carta de acordo com as instruções de Paulo, mas foi responsável por sua composição. Nesse cenário, as características específicas da carta deveriam ser atribuídas a Tércio, enquanto os temas gerais derivam de Paulo. (2) Tércio anotou o ditado de Paulo em estenografia e, mais tarde, escreveu em letra cursiva. (3) Paulo ditou a carta palavra por palavra, e Tércio a escreveu em letra cursiva. É intrinsecamente improvável que Paulo entregaria os conteúdos específicos de Romanos a Tércio. Como R. Longenecker (2011, p. 10) diz, as primeiras cartas de Paulo “expressam não só seus pensamentos essenciais, mas também seu palavreado específico”.<sup>4</sup> A carta foi muito importante para Paulo, e sua estrutura cuidadosa sugere que ele se preocupou com os detalhes. Na verdade, o γάρ (*gar*, para) sempre presente sugere um texto ditado (Fitzmyer 1993c, p. 42). O estilo de Romanos se adequa a outras cartas de Paulo aceitas como autênticas, e não há evidências de que Tércio compôs aquelas cartas. Romanos, por conseguinte, foi ditada por Paulo a Tércio. É mais difícil saber se a carta foi escrita primeiro em estenografia ou em letra cursiva. É mais provável, como sugere E. Richards (2004, p. 92-93), que Paulo ditou a carta, e Tércio a escreveu em estenografia. Um esboço aproximado foi composto e, depois, foram feitas correções até a versão final estar completa.

Um aspecto distintivo deste comentário deve ser mencionado neste momento. O julgamento pessoal sobre a autenticidade das outras cartas paulinas tem um papel em como se interpreta Romanos. Temos de estar conscientes do perigo de ler outras cartas paulinas em Romanos, prática que pode ter o efeito de emudecer ou obscurecer as características únicas de Romanos. A própria carta para os Romanos deveria ser sempre a evidência primária na avaliação das opções interpretativas determinantes. Não obstante, é ingênuo pensar que nosso entendimento de outras cartas paulinas não tem efeito em nossa interpretação de Romanos. Por isso, embora Betz (1979, p. xv-xvi) tente interpretar Gálatas, em teoria, em seus próprios termos, ele, na prática, recorre com frequência a Romanos para explicar Gálatas. Essa é uma atitude inapropriada apenas se impuser Romanos a Gálatas. Sabemos que quanto mais lemos os escritos do mesmo indivíduo aumenta nosso conhecimento da visão de mundo global dessa pessoa; então termos dois ou mais escritos é sempre um auxílio para melhor conhecer esse autor. Nossa intuição interpretativa

---

do papel dos secretários nas epístolas de Paulo. As três categorias de Cranfield dependem de Roller 1933, uma obra que não estava disponível para mim.

<sup>4</sup> Veja sua discussão sobre secretários: R. Longenecker 2011, p. 5-10.

em textos difíceis é mais plausível se baseada no panorama mais abrangente do corpo paulino como um todo. Temos de escolher entre o dilema de impor outros escritos paulinos a Romanos e o dilema de recusar qualquer percepção de suas outras cartas na interpretação dessa carta. Neste comentário, trabalho a partir da suposição de que todas as treze epístolas paulinas são autênticas. Por conseguinte, aproveito, quando apropriado, paralelos das outras doze epístolas. As primeiras epístolas que muitos estudiosos descartam como não autênticas são as pastorais. Este não é o lugar para defender em detalhes a autenticidade delas. Na minha opinião, no entanto, foram preparados argumentos convincentes para apoiar a autenticidade delas.<sup>5</sup> É claro, a principal evidência para interpretar um texto é o próprio documento, e o intérprete habilidoso deve demonstrar por que sua interpretação é a mais plausível no contexto existente.

### ***Data de Romanos***

A datação de epístolas antigas é uma tarefa notoriamente difícil, mas no caso de Romanos podemos localizar com segurança a epístola entre 55 e 58 d.C. Paulo informa aos Romanos que terminou seus esforços missionários no leste (Rm 15.19-23) e que planeja visitar Roma depois de completar sua visita proposta a Jerusalém (15.24-32). Quando comparamos Romanos com Atos dos Apóstolos, o período de tempo em que Romanos foi composta pode ser estreitado de forma mais específica.<sup>6</sup> A intenção de Paulo de ir para Roma cristalizou depois de seus mais dois anos em Éfeso (At 19.10,21-22). No entanto, ele, antes de viajar para Roma, pretendia ir a Jerusalém (19.21) e também planejava visitar a Macedônia e a Acaia antes de ir para Jerusalém (19.21). A partir de 20.1-6, fica claro que Paulo chegou tanto à Macedônia quanto à Acaia, passando três meses em Acaia (20.2-3). Surge uma correspondência interessante entre Atos e Romanos aqui, pois em Romanos 15.26, Paulo menciona apenas a Macedônia e a Acaia como tendo contribuído para a coleta para os santos pobres em Jerusalém. É improvável que não tenha sido feita nenhuma coleta das igrejas na Galácia e na Ásia, uma vez que algumas das pessoas mencionadas em Atos 20.4 vieram da Galácia e da Ásia. Por isso,

---

<sup>5</sup> Veja Kelly 1981, p. 3-34; Fee 1988, p. 1-26; L. Johnson 1986, p. 381-92; Guthrie 1990, p. 607-49; Ellis 1992; W. Mounce 2000, p. xlvi-cxxix; Köstenberger 2017.

<sup>6</sup> A exatidão histórica de Atos também é assunto de intenso debate. Para as defesas de sua confiabilidade histórica, veja Sherwin-White 1963; Hengel 1979; Gasque 1989; Hemer 1989; Bock 2007, p. 8-15 e em vários lugares; Schnabel 2012, p. 28-41.